



DE PASCOAS
65

76

L. 13087 ⁸ V.

O Espírito Lusitano ou o Saudosismo

Edição da
Renascença Portuguesa
Paris - 1912



O *Desterrado* é a Esfinge da Raça...
(Pag. 13)

O ESPIRITO LUSITANO
OU O SAUDOSISMO

OBRAS DO AUTOR

Sempre—1897

Terra Prohibida—1899

Sempre (2.^a edição)—1902

Jesus e Pan—1903

Para a Luz—1904

Vida Etherea—1906

As Sombras—1907

Senhora da Noite—1907

Marános—1911

Regresso ao Paraíso—1912.

TEIXEIRA DE PASCOAES

o o

O Espírito Lusitano ou o Saudosismo

CONFERÊNCIA DA "RENASCENÇA PORTUGUESA,"
REALISADA NO ATENEU COMERCIAL DO PORTO,
NA NOITE DE 23 DE MAIO DE 1912.

Edição da
Renascença Portuguesa
Pôrto — 1912

Impresso em Junho de 1912 na
Tipografia Costa Carregal, tra-
vessa Passos Manuel, 27 - Pórtó.

O assunto d'esta conferencia, devidamente desenvolvido e documentado, encheria um grosso volume; mas esse trabalho compete aos estudiosos; e eu não sou mais do que um homem que sente d'alguma forma a verdade e a belêsa das cousas. E sentir é tocar as cousas muito ao de leve, mesmo no que elas têm de essencial e profundo.

Por isso, não fiz mais do que, em breves palavras, dizer o que é o *nosso espirito*, na sua vida original e creadora dum alto *critério religioso e filosofico*, a que se deve subordinar completamente a obra social e politica da Republica.

Notei, com a maior alegria da minha vida, que todos os portuguezes que me ouviram, se penetraram immediatamente do espirito da nossa raça, concordando com as minhas palavras.

Vê-se que chegou o momento de Portugal reconquistar a sua independencia moral, tornando a viver pelo espirito (pelo seu espirito) e não pela materia, o que só é proprio dos povos decadentes. Espirito significa vida e materia significa morte.

Eu creio que a minha conferencia poderá concorrer, um pouco, para a nossa resurreição espiritual:—motivo porque a dou á publicidade. Vaidade ou ingenuidade n'estas palavras? Talvez. Mas espero ser perdoado.

Junho, 1912.

A ÁLVARO PINTO.

Minhas senhoras e meus senhores:

Eis o titulo da conferencia que vou fazer em nome da "Renascença Portuguesa", sociedade que tem por orgão "A Águia", revista mensal, e cujo fim patriótico é trabalhar para o renascimento do espirito da nossa Raça.

Fazer reviver no povo portuguez a alma portuguesa é o que nós sonhamos, porque tal cousa é imprescindivel para que Portugal viva, entre os outros paizes, uma vida propria e bela, independente, portanto.

Mas não se imagine que *renascimento* significa simples regresso ao passado. Renascer, já o escrevi algures, é tirar das fontes originarias da vida uma nova vida.

As nações pequenas só podem oppôr ás tendencias absorventes das grandes nações, como defeza da sua independencia, o caracter, a originalidade do seu espirito activo e creador, a autonomia moral.

Ora, a nossa Patria possui felizmente essas qualidades que se ergueram, outrora, quaes sentinelas invenciveis, ao longo das nossas fronteiras, e se espalharam depois através dos vastos mares e das longes terras. O que é preciso, antes de tudo, o que é urgentissimo, é resuscita-las, para que readquiram a perdida actividade. E despertadas sejam essas qualidades primordias da Raça, Portugal dará, pela segunda vez, alguma cousa de novo á civilização europeia.

A decadencia que succedeu ao periodo épico ou camoneano (anterior a Camões) apagou, por assim dizer, o espirito portuguez, preparou a invasão do *estrangeirismo* desnacionalizador que revestiu varios aspectos: religioso (Inquisição no tempo de D. João III e o Jesuitismo); literario e politico (Constitucionalismo e livros franceses).

O alto clero sempre fiel a Roma, os altos politicos sempre fieis a Paris, têm sido os obreiros da nossa desnacionalização, os inimigos do nosso espirito e, por isso, da nossa independencia.

De maneira que, hoje, a *alma patria* encontra-se verdadeiramente subterrada e adormecida sob as más influencias estranhas. Chega a parecer estrangeira na propria terra natal, tão desconhecida é dos portugueses!

E ha mesmo pseudo-portugueses que não crêem na existencia duma alma portuguesa original; mas esses homens são os scepticos; e os scepticos são feitos de carne morta. E que valor pode ter a opinião de alguns phantasmas? Que nos importa a nós o que diga um esqueleto, a nós que temos alguma carne viva sobre os ossos?...

O nosso esforço, embora limitadíssimo, será sempre no sentido de a revelar, de a pôr a descoberto, tirando-a do montão de escombros que a esmagam e asfixiam, para que ela surja, outra vez, á luz d'uma nova vida e venha realisar a obra civilisadora do novo Portugal maior e mais belo que todos nós sonhamos!

Sim: a *alma portuguesa* existe! E que ela existe, e que do seu resurgimento depende o nosso futuro e o futuro da Republica é o que vou demonstrar; mas, principalmente, o meu desejo é defini-la, mostrar aos vossos olhos o seu perfil eterno e original.

Espero me seja perdoada esta ambição, toda feita de amôr á minha patria.

Eu affirmei que existe uma *alma lusitana*. Vejamos, agora, o que ela é na sua transcendente aspiração filosofica, no seu instinto interpretador da Vida, na sua intimidade religiosa.

Definida ela, está, *ipso facto*, traçado o caminho que deve conduzir Portugal á conquista do Futuro; e estabelecido fica o criterio superior e filosofico, a que se deve subordinar a obra social e politica que a Republica tem de realisar para garantir a sua existencia e a da propria Nacionalidade.

Sabe-se que a península iberica foi, nos antigos tempos, povoada por diversos povos de que descendem os actuaes castelhanos, andaluzes, vascos, catalães, galegos e os portugueses. Esses antigos povos pertenciam a dois ramos étnicos distinctos, diferenciados por estigmas de naturêsa fisica e moral. Um dos ramos é o *ária* (gregos, romanos, celtas, godos, normandos, etc); e o outro é o *semita* (fenícios, cartagineses, judeus e arabes).

O *aria* criou a civilisação grega, o culto da Forma, a Harmonia plastica, o Paganismo; o *semita* criou a civilisação judaica, o Velho Testamento, o culto do Espirito, a Unidade divina, o Christianismo que é a suprema afirmação da vida espiritual

O *aria* concebeu a Belêsa objectiva; o *semita* a Belêsa subjectiva. O *Deus* do *aria* é o sol aquecendo e definindo as atitudes, as linhas, as formas voluptuosas; a *Divindade* dos *semitas* é o astro da noite, a lua desmaiando e delindo em sombra espiritual os aspectos corporeos das Cousas e dos Sêres. O *aria* cantou nos cumes do Parnaso a verde alegria terrestre; o *semita* glorificou nos cêrros do Calvario a dôr salvadôra que eleva as almas para o céu.

Venus é a suprema flôr do naturalismo grego; a *Virgem Dolorosa* a suprema flôr do espiritualismo judaico; aquella, é o amor carnal que continua a vida; esta, é o amor espiritual que a purifica e divinisa.

Abreviando. O *aria* trouxe, portanto, á Iberia, o Paganismo, e o *semita* o Christianismo.

Ora, além de alguns factos secundarios de character historico, ha um facto de natureza psicologica, o qual demonstra que os sangues d'aquelas duas raças se cruzaram em partes eguaes, quando deram origem á raça Lusitana que é, desta forma, a mais perfeita sintese dos dois antigos ramos étnicos. Este facto psicologico observa-se analisando os sentimentos e as

ideias próprias dos portugueses ⁽¹⁾, mas principalmente os seus sentimentos; e, d'estes, o sentimento da belesa, isto é, o aspecto que toma a sua impressionabilidade ante as cousas e os sêres.

Quem lêr alguns dos nossos grandes escritores, sobretudo Camões e Bernardim nos tempos antigos, e nos tempos modernos, Camilo e Antonio Nobre, vê que a sua sensibilidade é, por assim dizer, dualista; tem alma e corpo; vibra ante a Forma e o Espirito, ao mesmo tempo e com a mesma energia. Quero dizer: a emoção d'estes eseritôres nasce do contacto das suas almas humanas com a parte material e espiritual das cousas ou dos sêres contemplados; e d'esses dois contactos resulta uma só impressão que é o seu sentimento. A simpatia d'estes grandes homens projecta-se egualmente sobre as cousas e as almas. *Camilo* é o Riso-lagrima, é um Sá-tiro crucificado. *Camões* é um Neptuno etéreo banhando plagas de estrelas. *Bernardim e Nobre* são a sombra que as cousas projectam ao tocar-lhes a luz do sentimento humano. Todavia, n'estes Poetas, a sua sensibilidade, que é a da sua Raça, foi inconsciente e instintiva, não se definiu e revelou em consciência e, portanto, em principio religioso e filosofico, como só aconteceu na actual geração poetica de que falarei adiante.

Mas a sensibilidade d'estes eseritôres já mostra a fusão, a sintese do caracter *ariano* e do *semita*, que dá destaque e fisionomia propria á Raça Portuguesa.

Ha ainda nos portugueses um sentimento que é só d'eles e que só poderia ser originado pela combinação harmonica do sangue dos dois antigos ramos étnicos a que aludi. Ha na alma portuguesa um *sentimento* que a abrange toda e é a sua mesma essencia;—sentimento que nasceu do casamento do Paganismo greco-romano com o Cristianismo judaico, o qual tomou na nossa lingua uma forma verbal sem equivalente nas outras linguas. Refiro-me á *Saudade*.

(1) Veja-se, por ex. a fisionomia moral que o nosso povo deu ao S. João, o Percursor. Aquele ascetico e rude pregadôr do deserto, entre nós, é um verdadeiro Bacho. Despiu a áspera pele de camêlo e corou a fronte de verdes pampanos. Pôz de parte os gafanhotos e as raizes de arvor de que se alimentava, para afogar os labios em ferventes crateras de vinho.

E as nossas romarias populares? Na Paschoa, Jesus percorre as aldeias, através das arvores em flôr, sob a alegria do sol genesisco de abril. É uma Paschoa naturalista e mistica que representa a celebração do casamento da terra recémflorida com o Christo resuscitado. Nos altares das nossas Egrejas rusticas, caídas de branco alegre, entre o viço do arvoredo, ha uma sombra luminosa onde pairam, n'um fraternal abraço, divindades christãs e pagãs que a alma ingenua do povo adora e comprehende.

Existe ainda uma redondilha popular, a maior de todas, traduzida para ingles por lord Byron, que sintetisa todo o sentir da Raça:

Chamaste-me tua vida
E eu tua alma quero ser;
A vida acaba e'ô a morte,
A alma não pode morrer.

Eis o amor animal, a sensualidade animada pela vida do espirito, pela vida eterna.

Analise o seu sentido, e vereis claramente os elementos que a formam. *Saudade* (ver a nota a paginas 18 e 19) é o desejo da Cousa ou Creatura amada, tornado dolorido pela ausencia.

O desejo e a dôr fundidos n'um sentimento dão a Saudade.

Mas a Dôr espiritualisa o Desejo, e o Desejo, por sua vez, materialisa a Dôr. O Desejo e a Dôr penetram-se mutuamente, animados da mesma força vital, e precipitam-se depois n'um sentimento novo, que é a Saudade.

Pelo desejo, a Saudade descende do sangue ariano, e pela dôr, do sangue semita.

D'esta forma, os dois grandes ramos étnicos que deram origem a todos os povos europeus, encontraram na Saudade a sua suprema sintese espiritual. E quando digo Saudade, digo alma portuguesa. Nascendo ela do casamento do Desejo carnal ou pagão com a Dôr espirifual ou christã, — a Saudade é tambem a Tristêsa e a Alegria, a Luz e a Sombra, a Vida e a Morte. Ampliada á Naturêsa, a Saudade é a propria alma universal, onde se realisa a unidade de tudo quanto existe. Está-se a perceber a Religião e a Filosofia que ela contem.

A Saudade pelo desejo (*desejar é querer, e querer é esperar*), em virtude da propria naturêsa do *Desejo*, é tambem Esperança, e pela *Dôr* é Lembrança. Pela esperança e pelo desejo, a Saudade é Venus; pela dôr e pela lembrança é a Virgem Dolorosa. Venus é a flôr dos arias; a Virgem a flôr dos semitas; e agora, a *Saudade* é a nova Flôr, a Flôr dos Luziadas, filha daquelas duas flôres que perfumaram o mundo...

Mas para além d'esta parte definida e revelada da Saudade, prolonga-se ainda indefinidamente a sua parte misteriosa, transcendente, ainda inatingivel, que constitue a mais alta Divindade do seu sêr.

O Povo portugûês criou a Saudade, porque é a unica sintese perfeita do sangue ariano e do semita.

No povo hespanhol domina o sangue semita que o tornou ferozmente espirifualista, vioento e dramatico. No povo italiano domina o sangue aria que o tornou exclusivamente pagão. Veja-se a avidez com que os seus Artistas se abraçaram á arte greco-romana, quando os primeiros investigadôres a descobriram. Os proprios Pontifices sentiram a voz do seu sangue dominar e vencer a palavra de Christo. O casamento que, na Italia, de alguma forma, se deu do *Christianismo adquirido* com o *Paganismo nato*, foi um casamento celebrado a frio, apenas exterior, sem haver tido o verdadeiro amor como causa. Jesus estava na moda, mas Apolo estava no sangue.

As Virgens dos Pintores da Renascença são Ninfas dos bosques sagrados enamoradas de Pan. A aureola divina que as envolve não é luz de alma, é luz da aurora. Tenho bem presente na memoria a Maria Madalena de Rafael que eu vi, ha anos, no Museu do Prado. E' uma Ninfa com um cruxifixo escuro nas mãos indifferentes.

Mas o Povo Portugûês, creando a Saudade, que é o Desejo e a Dôr, que é Venus e Maria, o Espirito semita e o Corpo aria, viveu a propria Renascença, a qual encontrou, portanto, na alma da nossa Raça, a sua expressão vivente e espontanea, a sua força viva que, posta, de novo, em

movimento, criará uma nova Civilização. O espirito lusitano abrirá na Historia uma nova Era. 7

Sim: a Saudade é a Renascença vivida pela alma d'um Povo e não creada pelo artifício das artes plásticas, como aconteceu na Italia. A Saudade é o espirito lusitano na sua super-vida, no seu aspecto religioso. Ela contem em si, em vista do exposto, uma nova Religião. Se descende, como demonstramos, de duas religiões (Paganismo e Christianismo), a Saudade é, sem duvida, uma nova Religião. E nova Religião quer dizer nova Arte, nova Filosofia, um novo Estado, portanto.

Vêde a riquíssima fonte inexplorada de nova vida que existe em nossa alma inculta como a nossa terra, onde todos devemos ir beber a inspiração orientadôra dos nossos actos, das nossas ideias e dos nossos sonhos, quer no campo da Arte, da Filosofia, da Religião, como no campo politico.

O momento actual, a «Hora do Infante», como lhe chamou Jaime Cortesão, é assignalado pela revelação da alma portuguesa, do espirito da Raça, que se tornou, enfim, consciente, que subiu á superficie da vida, cantando pela bocca inspirada dos nossos actuaes poetas que crearam, em Portugal, uma nova e original Poesia: a religiosa poesia portuguesa.

Deram forma poetica, corpo revelado e vivo á alma da Raça, isto é, á Saudade. Lançaram, por assim dizer, os fundamentos artisticos e religiosos da proxima futura obra civilisadôra de Portugal.

Eu sei que este trabalho admiravel tem sido realizado fóra da atenção do grande publico, distraida pelas vãs palavras dos prégadôres civis; mas isso não destroe a verdade do que affirmei.

O *Saudosismo* (nome que eu dou á Religião da Saudade) está creado no campo do sonho e da arte.

Os primeiros grandes periodos da Saudade fôram o quinhentista e o camoneano, porque Camões, sosinho, faz uma epoca; eis os periodos da Saudade inconsciente, da Saudade aflorando em relâmpos instinctivos, aqui, além, nesta estrofe de Camões, naquele verso de Bernardim.

Depois veio o longo periodo da decadencia, e, com ela, o estrangeirismo,—periodo que atingiu a sua mais deploravel altura com o advento do Constitucionalismo francês. Depois veio o periodo actual, em que o espirito da Raça adormecido, refeito das forças que perdêra, acordou, enfim, para a vida consciente e constructiva. E desse acordar esplendido nasceram as obras das nossas actuaes Poetas que o são.

A *Saudade procurou-se* no periodo quinhentista, *sebastianizou-se* no periodo da decadencia, e *encontrou-se* no periodo actual.

O povo português, em grande parte desnacionalizado pelo catolicismo romano e pelo constitucionalismo francês, precisa de ler e meditar as obras d'estes Poetas, para comungar assim o seu proprio espirito e re-adquirir a antiga energia dominadôra e creadôra.

São elas: As «Orações» de Junqueiro, «As Tentações de S. Frei Gil» a «Alma Religiosa», «Parabolas», «Cantigas», «Auto das quatro estações», «Dizeres do Povo» de António Corrêa d'Oliveira; «Ar Livre», «Pão e Rosas», «Canções do Vento e do Sol» de Afonso Lopes Vieira, com a sua edição de Gil Vicente.

São os poemas de Jaime Cortesão, Mario Beirão, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, etc.

O Povo precisa de ler e amar estes Poetas que são os interpretes do que ha de mais intimo e inconfundivel na alma e na paisagem portuguesas.

Souberam tirar da nossa alma e da nossa terra um novo Canto, percorridor duma nova Acção. Nestes Poetas, que formam, por assim dizer, um Camões colectivo, o espirito lusitano sentiu-se revelado e dilatado.

O *Saudosismo* tem ainda um admiravel Filosofo: Leonardo Coimbra, com a sua teoria do *Creacionismo*, segundo a qual o conhecimento que o homem tem das cousas, deriva, em parte, das proprias cousas e em parte do nosso sêr subjectivo. A arvore que nós vemos, por ex., resulta, *ao mesmo tempo*, de nós proprios e dela propria; isto é, a sua imagem é feita do nosso ser espiritual e do seu sêr vegetal. E assim temos o conhecimento das cousas composto dos mesmos elementos que formam a Saudade: espirito e materia. Só um filosofo português poderia crear espontaneamente a teoria do *Creacionismo*.

E tem ainda o *Saudosismo* um admiravel Pintor: Antonio Carneiro com os seus belos quadros, onde a luz e a sombra se fundem num espiritual abraço que envolve as suas Paisagens e as suas Figuras humanas,

O que mais caracteriza a obra deste artista, é o *além* do seu colorido, o infinito em que as suas tintas se diluem. Na magica palêta do Pintor, as côres pagãs christianisam-se, e a luz apolinea, nas suas paisagens, entenece-se, é como que uma oração esparsa no ar...

E ainda Cervantes de Haro que se me afigura a mais bela esperanza da Arte portuguesa. As suas arvores, os seus trechos de paisagem desenhados á penna, fazem d'ele o maior interprete da vida humilde e divina das cousas. A sua maneira de sentir e crear belêsa é absolutamente nossa. Dir-se-á que, nas suas arvores, individualisadas, postas isoladamente deante de nossos olhos, os ramos são raizes sugando a luz celeste, e as raizes são folhagens aspirando a alma cósmica e profunda da terra. E' o casamento do mundo com o olimpo, da alegria celeste com a tristêsa terrena: a Saudade, enfim.

Eis os Artistas e os Poetas a quem a Saudade falou, eis a lirica phalange libertadora da alma portuguesa, desde seculos no captiveiro, desde seculos no esquecimento...

O *Saudosismo* encontrará, estou certo, a sua forma musical no Orfeon do Porto e de Coimbra, dirigidos por António Joyce e Fernando Moutinho.

Só no seio da Harmonia se poderá realisar o perfeito casamento da luz e da sombra, da alegria e da tristeza, do beijo e da lagrima, da vida e da morte. A propria Harmonia não é a combinação dos contrastes? Não é ela a irmã gemea da Saudade?

E' certo que antigos escritôres foram já impressionados pelo alto e grande sentido da Saudade, agora plenamente revelado, o que mais confirma a verdade da minha tese. E entre eles, ha dois que se destacam: Duarte Nunes de Leão e o rei D. Duarte. ⁽¹⁾ Ambos tentaram interpretar a Saudade;

(1) Vid. o admiravel artigo—Saudade—(Breves considerações philologicas) do Dr. A. A. Cortesão, publicado no n.º 4 da revista a «Aguia». Segundo este auctor, que é um dos nossos primeiros Filologos, a palavra

mas aquele primeiro, na sua definição de Saudade (superior á de Garrett) teve talvez a intuição do seu verdadeiro e profundo significado. Diz ele: «Saudade é lembrança de alguma cousa com desejo dela» (1). Nesta definição já se encontram reunidos o *desejo* e a *lembrança*, isto é, o espirito e o corpo, Christianismo e Paganismo; ao passo que a definição de Garrett (gôsto amargo ou delicioso pungir) dá apenas a fusão dos contrastes: dôr e alegria: é mais restricta, não deixa perceber, como a de Duarte Nunes de Leão, o seu grande alcance religioso, artistico, filosofico e social. Mas é certo que estes escritôres viram, embora só instinctivamente, que na Saudade existia o segredo da alma da sua Raça.

Soares dos Reis, no *Desterrado*, foi muito além de Garrett. Aquela estatua é sagrada; vive já, d'alguma forma, a Saudade religiosa e metafisica. Sente-se que deante de seus olhos, perpassa o Vulto divino da nova Deusa. Soares dos Reis é o precursor dos actuaes Poetas, o precursor da verdadeira arte lusitana. E' uma Figura suprêma.

O *Desterrado* é a Esfinge da Raça no recanto esquecido dum esquecido museu municipal. E os Poetas a que me referi, são os seus interpretes: a voz dos seus fechados labios marmoreos.

Nós sômos, na verdade, o unico Povo que pode dizer que na sua lingua existe uma palavra intraduzivel nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva. A alma lusitana concentrou-se n'uma só palavra, e n'ela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra Saudade é intraduzivel. O unico povo que sente a Saudade é o povo portuguez, incluindo, talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castella. A Galiza é a nossa Alsacia!

Os outros povos europeus sentem naturalmente *uma especie* de saudade que em francês é *souvenir*, em hespanhol *recuerdo*, etc. Mas este sentimento, n'esses Povos, não toma a alma e o corpo que adquire no sentir portuguez. *Souvenir* ou *recuerdo* são apenas um elemento da Saudade, cujo perfil é inconfundivel. E por isso, ela se exteriorisou n'uma palavra portuguesa que não tem equivalente nas outras linguas. De resto, os proprios escritores estrangeiros são os primeiros a reconhecer esta verdade. Mas as palavras *recuerdo*, *souvenir* traduzem o mesmo sentimento. *Recuerdo*, por exemplo, é a tradução fiel de *souvenir*.

Ora, sendo a Saudade a propria essencia do espirito lusitano, ella existe ainda esparsa e difundida em outras palavras do nosso vocabulario, egualmente intraduziveis. A palavra *nevoeiro*, por ex., não se imagine que é a tradução fiel do *brouillard* francês ou do *fogg* inglês. O sentido d'estas palavras é apenas objectivo, é fisico sómente, enquanto que a palavra

Saudade começou a ser empregada, com a grafia de *soidade* (*soïdade*) por D. Diniz ou alguns dos trovadores do ciclo dionisiano.

Foi o momento divino em que a alma portuguesa encarnou no corpo humilde d'uma palavra.

(1) Vid. Origem da lingua portuguesa, cap. XXI. De algumas palavras portuguezas & maneiras de fallar, que se não podem explicar por outras latinas, nem de outra lingua.

nevoeiro tem para nós um segundo sentido subjectivo e misterioso. *Nevoeiro* encerra a ideia de sonho, apparição futura, esperança, o *sebastianismo*...

Todas as palavras da nossa lingua que têm *além*, isto é, um segundo occulto e transcendente sentido, encerram em si, embora em formas vagas, a Saudade, como, ainda, por ex., as palavras *remoto*, *êrmo*, *luar*, etc.

Remoto (4) não é apenas a distancia espacial; *êrmo* não é só a ausencia de seres vivos; o *além* d'estas palavras é quasi intraduzivel, e n'ele reside o que ha de mais etéreo e misterioso na Saudade, o que n'este sentimento não adquiriu ainda definida expressão verbal.

A palavra *luar* não é sómente o *clair de lune* francês ou o *moonlight* inglês, isto é, a luz da lua. A propria forma sónica da palavra, feita d'uma silaba muda e uma silaba aberta, dá a fusão da luz e da sombra, da alegria e da tristêsa das cousas. No luar ha saudade, como na saudade ha luar...

Seria um estudo interessante a analyse psycologica de tantos vocabulos da nossa lingua, nos quaes a ideia ou sentimento que significam, se tornam infinitos e indefinidos, esfumando-se em intimas nebulosas de sonho, e revelando assim a tendencia da alma portuguesa para o misterio, para a religiosidade, — tendencia que criou a geração de Poetas a que me referi e que não é mais do que uma forma da Saudade.

O que se impõe, portanto, n'este momento historico, n'esta Hora do Infante, é integrar na *Saudade revelada*, isto é, no seu espirito originario e original, a Patria Portuguesa.

Do contrario, não seremos mais que uma vaga mancha europeia prestes a ser absorvida e apagada.

E' necessario que a cubiça hespanhola, sobretudo, se esbarre de encontro ás linhas nitidas e firmes do nosso character revelado, ampliado aos largos horisontes que o espirito moderno desvendou.

Foi a *Saudade*, transfigurada em Acção e Victoria no corpo de Afonso Henriques, que riscou na Iberia as fronteiras de Portugal. Foi a Saudade o zefiro do Remoto que enfunou as velas das nossas Naus descobridoras. Foi ela que venceu em Aljubarrota. Foi ela que cantou as estrofes dos *Luziadas*. Foi ela que dobrou o Cabo das Tormentas; e, fitando na noite tempestuosa, o vulto do Adamastor, o converteu n'um fragoroso promontorio. Foi ela que criou, nos seus dias de luto, a misteriosa Figura do Encoberto. Foi ela que despedaçou as nossas grillhetas em 1640, e, com um relampago dos seus olhos, fulminou o leão castelhano. Foi ainda ela que animou a alma popular no dia 5 de outubro... essa ultima esperança que não devemos deixar morrer!

Sim: a alma popular e alguns (bem poucos) livros sagrados da nossa literatura são hoje os unicos depositarios da alma patria.

E' absolutamente preciso que a esperança que nos deu o dia 5 de ou-

(4) Vid. o meu artigo — *Fisionomia das Palavras*, publicado no n.º 5, 1.ª serie, da «*Agua*».

tubro, não morra; e para isso, é absolutamente preciso que a nossa Republica seja uma Republica Portuguesa e não uma Republica afrancesada, como o Constitucionalismo. E porque a monarchia constitucional não soube ser portuguesa, é que ela caiu sem nada legar a Portugal, a não ser os seus vícios e os seus crimes.

O Constitucionalismo nunca se casou com a Nacionalidade Portuguesa, porque foi sempre estrangeiro. Toda a obra que um povo realizar, fóra do seu espirito, não vinga, é esteril e condenada a uma morte proxima. Assim um individuo (e as nações são como os individuos) educado contra as tendencias naturaes do seu espirito, jamais será alguém.

O nosso pessimismo tão conhecido, que caracterizou o periodo constitucional, teve como origem a nossa incompreensão do espirito português.

Conhecendo nós agora o nosso espirito, sabemos logicamente qual o criterio filosofico que deve orientar e animar a obra da Republica, para que ela se funda com a Nacionalidade e garanta a sua existencia progressiva e civilisadôra.

Mas, antes de tudo, é preciso que Portugal seja governado por homens representativos da sua Raça, e não por bachareis desnacionalizados, tendo apenas no cerebro vagas teorias juridico-sociaes, importadas do estrangeiro, bebidas á pressa na Universidade de Coimbra ⁽¹⁾, esse terrivel fóco desnacionalizador, por cruel ironia, situado no meio da mais estranha paisagem quinhentista, onde a Sombra de Camões e a Sombra de Bernardim perpassam á luz do luar...

E' preciso que as nossas leis não sejam confusas copias de leis estrangeiras, mas que sejam feitas dentro do caracter português e da epoca, formando um todo harmonico e organico, com uma alma e um corpo, em vez d'uma juridica salada exotica...

A primeira cousa a fazer, é dar ás Creanças, nas escolas, o conhecimento mais completo da alma da sua Raça, para que elas a commuñguem e adquiram a perdida energia moral. E' preciso que a escola, antes de tudo, crie portugueses autenticos. E assim, a reforma da instrucção primaria deveria ser feita n'este sentido.

A segunda importantissima reforma seria a da nossa Igreja. Impõe-se a fundação da Igreja Lusitana que tão vivas raizes tem na tradição e no espirito da Raça. O Povo Português é felizmente um povo religioso, mas não catholico, por isso mesmo que criou a Saudadê. A religiosidade do nosso Povo, como já affirmei, é original e a ela deve adaptar-se a Igreja Portuguesa.

Teem-se dado, ultimamente, factos isolados, ⁽²⁾ mas espontaneos, demons-

(1) Agora, felizmente, principia a notar-se na academia de Coimbra uma nova vida espiritual que está de acórdo com o renascimento português. A obra admiravel do Orféon, as duas magnificas revistas de literatura e filosofia — «Rajada» e «Dionisios» e os novos Poetas de Coimbra, demonstram que a mocidade de hoje vale bem mais do que a de hontem.

(2) Depois da proclamação da Republica, algumas freguesias, de accordo com os seus parochos, proclamaram a sua independencia religiosa, libertando-se de Roma.

trativos de que o sentimento religioso do povo não cabe dentro do catolicismo e aneia por se definir n'uma formula sua, fundando uma igreja independente. E note-se que, desde os tempos mais antigos, o povo lusitano nunca adheriu a Roma.

Fôram simples interesses dinasticos e politicos que sacrificaram ao catolicismo romano a nossa independencia religiosa, creadora de autonomas igrejas lusitanas. S. Pedro de Rates fundou em Braga uma d'essas igrejas ⁽¹⁾ que teve grande influencia na Peninsula. Reuniram-se n'ela dois celebres concilios: o primeiro em 516 e o segundo em 572, o qual resolveu adoptar o conhecido rito bracarense. Durante seculos não reconheceu a supremacia da Sé Romana. O Papa era apenas o Bispo de Roma. Afonso Henriques sujeitou, por fim, a nossa igreja á Santa Sé, para obter em troca a protecção papal.

A Inquisição, ⁽²⁾ depois, mais opprimiu e suffocou a nossa liberdade religiosa; mas de tal maneira o espirito lusitano é original que, logo após a implantação do Liberalismo, as igrejas protestantes começaram a apparecer: a Igreja de S. Paulo fundada por Manoel Antonio, em Lisbôa; a igreja de Jesus, fundada em 1876 por José Nunes Chaves; o Novo Templo de S. João Evangelista, fundado em abril de 1894; o Templo do Redemptor, no Porto; a Igreja do Bom Pastôr, fundada em 1887; a Igreja da Santissima Trindade, organizada em Cintra, em 1876, por João Joaquim da Costa Almeida, parcho em Rio de Mouro, freg. do concelho de Cintra, que se libertou do jugo romano e digno de nota por isso. Ainda a Igreja de Setubal, a Igreja de Portalegre, etc... Tudo isto mostra á evidencia que existe uma Igreja Lusitana e que o espirito portuguez, naturalista e mistico, creador da Saudade, não foi, nem é, nem poderá ser catolico.

Eu creio que conviria imenso á Republica e a Portugal, não a separação das Igrejas do Estado, mas a separação de Roma, podendo talvez eliminar-se o alto clero que foi quasi sempre uma nodoa estrangeira na nossa Patria, á semelhança dos politicos.

É necessaria a fundação definitiva da Igreja Lusitana, devendo ella ficar integrada no Estado e por elle superiormente dirigida, sendo o Estado representado, é claro, por autenticos portuguezes de intelligencia e coração.

Eu ligo uma grande importancia á fundação da Igreja Lusitana, porque entendo que o sentimento religioso é proprio do homem, faz parte do seu ser moral, como, por ex., as orelhas e o nariz fazem parte do seu ser corporeo. ⁽³⁾ E' mesmo o que ha de mais alto na alma do homem; é a força que

⁽¹⁾ Esta Igreja, que durante os nove seculos dos Synodos Eucumenicos, nunca reconheceu a primazia do Bispo de Roma, não fazia uso do pão asmo, nem negava o calice ao povo; não accitava a doutrina do Purgatorio nem o poder temporal, nem a infalibilidade e o absolutismo do Papa.

Celebrava a sagrada Eucharistia com pão fermentado e seguindo o mandamento do Senhor.

O seu clero não era obrigado a guardar celibato perpetuo.

⁽²⁾ A inquisição e a companhia de Jesus.

⁽³⁾ E por outra razão ainda: Portugal fundando a sua Igreja, garante, para todo o sempre, a sua autonomia; pelo menos, a sua autonomia moral. Lembremo-nos de que a Hespanha é catolica romana. Se, porventura,

o eleva acima da animalidade e que, em dados momentos, produz as grandes obras de heroísmo e as grandes virtudes. O sentimento religioso é a única força do homem creadora: o signal de que o homem vive moralmente. Scepticismo significa esterilidade e morte. Os povos scepticos e materialistas são povos mortos ou adormecidos. Ao momento mais religioso d'um Povo corresponde o seu momento dominador e expansivo. Veja-se o Portugal da Edade Média e a Inglaterra de hoje. A Inglaterra tem actualmente 32 egrejas independentes, o que prova a grande religiosidade do povo inglês. As teorias materialistas e negativistas já cairam lá fóra, com William James, Jaurés, Bergson, e outros grandes Filósofos. Um novo mundo espiritual está a apparecer ao olhar ancioso do homem. E bom seria que fosse Portugal a mostrá-lo.

✕ Outra reforma importante, no sentido da resurreição do espirito da Raça, seria a organização municipalista do Paiz, conforme a tradição e as modernas ideias.

Mas a propria economia implica com o espirito lusitano. O português, pela saudade, ama a naturêsa, a paisagem; ama, portanto, a terra; e yê na terra a principal fonte da sua riqueza. Uma Democracia religiosa e rural, eis o que deveria ser a nossa Republica.

Com estas palavras, quiz dar apenas uma ideia do que nós sômos espiritualmente, e affirmar que a obra social da Republica se deve orientar pelo espirito lusitano, para ser original, duradoura e progressiva.

Oxalá que estas palavras penetrem bem na alma de todos os educadores portuguezes e de todos aqueles que dirigem superiormente os nossos destinos. A «Renascença Portuguesa», sendo como é tão representativa da Raça, precisa de fazer ouvir e de impôr a sua palavra, porque n'ela existe a nossa Verdade e a nossa Redenção.

Que a gente moça se penetre do espirito lusitano original e belo, e se enamore d'ele, e lhe dê todo o entusiasmo dos verdes annos e da saude, e o implante na terra portuguesa, a fim de que ela viva uma vida propria e superior, e ilumine para além das fronteiras. — Disse.

amanhã, a peninsula iberica se organizar em republica federativa, Portugal, seguindo outra religião, isto é, *a sua religião*, jámais será assimilado ou absorvido.

NOTA

Sombra que não ha sol capaz de a desfazer
Ou astro que não faz, nascendo, a luz do dia...
Desgosto que não muda em dor algum prazer
Ou prazer que não muda a dor em alegria,
Eis a Saudade... a luz eterna que ilumina
O mar da nossa magua...

Amar é a parte do beijo
Que se não beija, mas chora...

(Sempre 1898)

A saüdade é um sentimento misterioso
Que prende a nossa vida á vida que passou,
É que faz regressar um sovereiro edoso
A' fecunda semente onde ele se criou...

Tu és a Eternidade, és a Perpetuação...
Por ti, volta a ser agua a agua que se evapora;
De toda a fria cinza és a Resurreição;
Por ti, a luz do sol regressa á sua aurora...

(Sempre, 1902)

Maria ha de chamar a Venus sua irmã...

E' preciso ligar, fundir na mesma luz
A alegria de Flora e a Paixão de Jesus...

(Jesus e Pan, 1903)

Navios onde vae ao leme a Saüdade...

(Para a Luz, 1904)

E Venus, n'uma névoa etérea e vaporosa
Elevou-se na luz da tarde lacrimosa.
E para o Olympo azul, em lagrimas, subia,
Projectando na terra a sombra de Maria...

(Vida Ethérea, 1906)

... Eu ouço, por encanto,
Os passos da Saudade... que ás estrelas,
Ao infinito, ás nuvens se dirigem...

Tristeza do Infinito e da Distancia!
Santa tristêsa cósmica de Deus!
Calma tristêsa ideal da Eternidade!
Tristêsa do Indeciso, do Principio!
Do Yago, do Crepusculo!...

Eu bem te sinto em mim, pois tambem sou
Indecisão, crepusculo e incertêsa!
Sou principio de vida e fim de vida;

Uma aurora e um poente, á mesma hora...
.....

O' Venus da Afflicção e dos Amôres,
O' Venus da Tristêsa e da Alegria!
.....

Sombra do nosso corpo e nosso espirito!

(*As Sombras*, 1907)

Venus, Maria ou, antes, a Saudade...

(*Senhora da Noite*, 1909)

E's a Senhora da Esperança nova,
A Venus virginal do novo Amôr!
.....

Tu és o amor carnal já transcendente,
Já pela asa do Espirito tocado!
.....

Tens nos labios o beijo que se chora,
E a lagrima infinita que se beija
Nos olhos...

E's o Estigma da Raça, seu perfeito
E limpido Signal de Santidade...
.....

O' Saudade! O' Saudade! O' Virgem Mãe,
Que sobre a terra santa portuguesa,
Conceberás, isenta de peccado,
O Christo da Esperança e da Belêsa!

.....
A Virgem da Saudade; a Gloria, a Graça,
O mistico Esplendor da nossa terra,
Sua Flôr evangelica e divina.

Em seu ventre fecundo unificava
A Morte e a Vida, o Tempo e a Eternidade,
Espirito adorado e Corpo amante!
.....

E não tinha a Saudade a sua origem
Remota n'este Céu misterioso,
N'esta bela Paisagem transcendente?
E a sua origem proxima e sensivel
Na alma profunda, mistica e vidente,
D'este Povo do Mar e da Montanha?...

(*Marános*, 1911)

E's a Virgem ideal da Renascença;
Da Renascença edenica e profunda;
Da Renascença universal do Sêr
Que, em ti, regressa á Forma primitiva,
Harmoniosa e sã, para crear
O novo amor divino que já nasce,
Que já alumia, embora vagamente,
Os contornos ideaes d'um novo mundo...

(*Regresso ao Paraíso*, 1912)

Biblioteca de A RENASCENÇA PORTUGUESA

A Águia — Revista mensal.

A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro*.

Regresso ao Paraíso — *Teixeira de Pascoaes*.

Esta História é para os Anjos — *Jaime Cortesão*.

O Creacionismo (Esboço dum sistema filosófico) — *Leonardo Coimbra*.

A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão*.